



VISITAS INTERNACIONAIS

Alvo de protesto, Lula ataca extrema direita

Em críticas aos deputados portugueses que o hostilizavam e a opositores brasileiros, presidente classifica ultradireita de demagógica e diz que o recrudescimento de ideologias extremistas reduz o espaço para diálogo e propaga o ódio

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — Sob contundente protesto de deputados da extrema direita na Assembleia da República de Portugal, onde participou de sessão de boas-vindas no dia em que se celebra o fim de uma longa ditadura do país europeu, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que a democracia no Brasil viveu recentemente momentos de grave ameaça.

Segundo ele, saudosos do autoritarismo tentaram atrasar o relógio em 50 anos e reverter as liberdades conquistadas desde o fim do regime militar.

“Os ataques foram constantes. Os irmãos portugueses assistiram a tudo, preocupados com a possibilidade de que o Brasil desse as costas ao mundo. Mas a notícia que lhes trago é que as forças democráticas brasileiras demonstraram sua solidez e resiliência”, afirmou, sob aplausos da maioria do plenário, que se contrapunha ao movimento do Chega, legenda de ultradireita comandada pelo deputado André Ventura, aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro (leia reportagem ao lado).

Sem dar demonstração de descontentamento ante os ataques sofridos, Lula ressaltou que tem viajado pelo mundo a fim de reencontrar parceiros do país.

“Tenho reafirmado que o Brasil que todos sempre conheceram voltou à cena internacional. Um país que não aceita que o seu povo passe fome e que tem consciência de sua responsabilidade na segurança alimentar mundial, pela diversidade e dimensão de seus recursos naturais”, frisou. “Um país que reconhece na proteção do meio ambiente um dos maiores desafios contemporâneos e que retoma sua trajetória de forte compromisso com o desenvolvimento sustentável e o enfrentamento da crise climática.”

Lula alertou que o mundo tem enfrentado múltiplas crises nas últimas duas décadas. “Temos visto o recrudescimento

Fotos: Patrícia de Melo Moreira/AFP



Lula na sessão de boas-vindas no parlamento português: “As forças democráticas brasileiras demonstraram sua solidez e resiliência”



Deputados de extrema direita portuguesa protestam contra Lula

Revolução dos Cravos

A data de 25 de abril marcou o 49º aniversário da Revolução dos Cravos, que encerrou 48 anos de ditadura de direita em Portugal, comandada por António Salazar.

de ideologias extremistas, impulsionadas pela ditadura dos algoritmos (das redes sociais), que reduzem o espaço para o diálogo e a empatia, propagam o ódio e constroem uma expressão de nossa humanidade”, destacou.

Algoritmos

Numa indireta aos deputados que o atacavam no parlamento português — Lula já havia sido avisado sobre esses atos —, chamou de demagogos políticos os que, na Europa, dizem não ser políticos e negam os benefícios conquistados no continente em décadas de paz, cooperação e desenvolvimento dentro da União Europeia. “Considero a integração resultante da União Europeia um patrimônio democrático da humanidade. E vi no Brasil a

consequência trágica que sempre acontece quando se nega a política, se nega o diálogo”, sustentou, numa clara referência ao governo Bolsonaro.

Para o presidente, o aumento da desigualdade, da pobreza e da fome tornou o atual quadro global mais desafiador. “A crise climática tem se agravado. Mais recentemente, tivemos de enfrentar a pandemia de covid-19 e, paralelamente, fomos atacados pelo vírus da anticiência e do desprezo pela vida humana”, criticou. A consequência da tragédia provocada por negacionistas durante a pandemia foi a morte de mais de 700 mil. “Metade dessas mortes poderia ter sido evitada não fossem as fake news, o atraso na obtenção de vacinas e a negação da ciência, feita pela extrema direita no meu país”, reforçou.

Atos no parlamento e nas ruas

Deputados do Chega, partido de extrema direita português, interromperam o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva assim que ele começou a falar na Assembleia da República. Os parlamentares exibiram cartazes com os dizeres “chega de corrupção” e começaram a bater nas mesas. Houve, então, uma resposta à altura: o plenário inteiro aplaudiu o petista longamente.

Ante a agressividade, o presidente da Assembleia, Augusto Santos Silva, pediu compostura aos parlamentares, argumentando que a casa estava recebendo um chefe de Estado de uma nação irmã de Portugal. Lula voltou a falar, mas, sistematicamente, os deputados do Chega tentavam tumultuar, sendo contidos por aplausos a favor do petista.

O Chega tem a terceira bancada do Parlamento português — com 12 deputados — e vem apresentado crescimento nas intenções de votos com o forte apoio de brasileiros, especialmente evangélicos, que vivem em Portugal.

Manifestação

Além dos protestos no plenário, eles organizaram um ato do lado de fora do Palácio de São Bento, que reuniu centenas de pessoas. Aos gritos de Lula ladrão, os manifestantes — a maioria, brasileiros evangélicos — se mostraram inconformados com a presença do petista no parlamento.

Apoiadores de Lula também estavam presentes nas ruas, mas em menor quantidade. O braço do PT fez uma convocatória como contraponto aos ultradireitistas. Temendo uma onda de violência, a polícia montou um forte esquema de segurança no entorno do prédio. (VN)

Presidente condena a violação da Ucrânia

Lisboa e Madrid — No último dia de visita a Portugal, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu a declaração mais enfática de defesa da Ucrânia, país invadido pela Rússia há mais de um ano. “Condenamos a violação da integridade territorial da Ucrânia”, afirmou em discurso na Assembleia da República.

Lula ressaltou que o Brasil compreende a apreensão da Europa com o retorno da guerra e reforçou que o país acredita “em uma ordem internacional fundada no respeito ao Direito Internacional e na preservação das soberanias nacionais”. Mas insistiu na importância das negociações pela paz. “É preciso admitir que a guerra não poderá seguir indefinidamente. A cada dia que os combates prosseguem, aumenta o sofrimento humano, a perda de vidas, a destruição de lares”, acrescentou.

Antes mesmo de desembarcar em Portugal, o petista vinha sendo criticado por ter igualado a Rússia e Ucrânia, ao dizer que os dois países eram culpados pelo conflito. Afirmou ainda que a União Europeia e os Estados Unidos alimentavam a guerra em vez de negociarem a paz. Foi confrontado várias vezes pelas declarações, inclusive pelo presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, que reforçou o compromisso de seu país com a União Europeia.

O presidente lembrou que o conflito entre Rússia e Ucrânia provocou crises alimentar e energética no mundo. “Todos fomos afetados, de alguma forma, pelas consequências da guerra. É preciso falar da paz. Para chegar a esse objetivo, é indispensável trilhar o caminho do diálogo e pela diplomacia”, assinalou.

Ele destacou que tanto Brasil quanto Portugal assumiram um compromisso absoluto com o multilateralismo. “Esse compromisso nos força a reconhecer que as ferramentas da governança global se têm mostrado inadequadas para fazer frente aos desafios atuais”, frisou.

Para o petista, o Conselho de Segurança das Nações Unidas está praticamente paralisado. “Isso ocorre porque sua composição, determinada ao fim da Segunda Guerra Mundial, 78 anos atrás, não representa a correlação de forças do mundo contemporâneo”, argumentou. “Por isso, defendemos uma reforma que resulte na ampliação do Conselho, de maneira a que todas as regiões estejam representadas de forma permanente, de modo a



Uma guerra (Rússia x Ucrânia) que jamais poderia ter acontecido, porque não pode se aceitar que um país invada a integridade territorial de outro país”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

torná-lo mais representativo em seu processo deliberativo e mais eficaz na implementação de suas decisões.”

Espanha

Após as agendas em Portugal, Lula seguiu para a Espanha, onde voltou a mencionar a guerra no Leste Europeu. O presidente caracterizou o conflito como “insano” e frisou que “jamais poderia ter acontecido”.

“Numa guerra insana que é a guerra da Rússia e da Ucrânia. Uma guerra que eu compreendo perfeitamente bem como é que os meus amigos europeus veem a guerra. Uma guerra que jamais poderia ter acontecido, porque não pode se aceitar que um país invada a integridade territorial de outro país”, completou, em discurso no Fórum Empresarial Brasil-Espanha, em Madrid.

Ele enfatizou, no entanto, ser uma guerra em “que também não tem ninguém falando em paz”. “E, às vezes, eu fico me perguntando:

até quando essa guerra vai durar? Porque, se ninguém quiser construir a paz, e os dois lados, o que invadiu está reticente e o invadido também tem sua razão de estar reticente, quem é que vai tentar resolver essa situação?”

O presidente citou conversas com líderes mundiais como Joe Biden (EUA), Emmanuel Macron (França) e Xi Jinping (China) e reiterou que o Brasil segue “na tentativa de arrumar parceiros” e construir “um movimento que traga a paz”. “Para que a Ucrânia possa ficar com o seu território, para que os russos fiquem com a Rússia, mas para que o mundo não sofra a falta de alimento, para que o mundo não sofra a falta de fertilizantes e para que o mundo volte a prosperar para gerar os empregos que a humanidade precisa”, concluiu. (VN, com colaboração de Ingrid Soares)